

Cenas Digitais: análise de novas práticas culturais do uso de um computador por aluno na região de Fronteira Brasil e Uruguai

Marcia C. Peres Maciel¹, Liliana M. Passerino²

Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Porto Alegre – RS – Brazil ¹

CINTED – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Caixa Postal 15.064 – 91.501-970 – Porto Alegre – RS – Brazil ²

macielcmarcia@gmail.com, lpasserino@gmail.com

Abstract. *This paper discusses the process of digital inclusion, configured from the implementation of the project Ceibal, adopted by the Uruguayan government between 2007-2010. The project consists in the distribution of one computer per student in all public schools in that country. The study presented here is an excerpt of an ethnographic research conducted between 2010-2011 in a border town. The research seeks to identify new emerging cultural ways analysing the use of that portable computers away from the schools. The data collected through a ethnographic research of blended type, points to the changes in cultural practices. Considering that there is a complex relationship between the use of technologies and social structures, this research with socio-historical bias directs the look at what people do with technologies in building areas of meaning and not just for the pedagogical possibilities of technology.*

Resumo. *O presente trabalho discute o processo de inclusão digital configurado a partir da implantação do projeto Ceibal, adotado pelo governo uruguaio entre 2007-2010. O projeto consiste na distribuição de um computador por aluno em todas as escolas públicas daquele país. O estudo apresentado é um recorte de uma pesquisa etnográfica desenvolvida entre 2010-2011 em uma cidade de fronteira. A pesquisa busca identificar novas formas culturais emergentes analisando o uso destes computadores portáteis fora do espaço escolar. Os dados coletados por meio de uma pesquisa etnográfica do tipo blended, apontam para mudanças em práticas culturais. Considerando que existe um complexo relacionamento entre o uso das tecnologias e as estruturas sociais, esta pesquisa, com viés sócio-histórico, direciona o olhar para o que fazem as pessoas com as tecnologias na construção de zonas de sentidos e não apenas para as possibilidades pedagógicas da tecnologia.*

Introdução

Imersos na Sociedade da Informação, que segundo Castell (2006), provoca mudanças nas áreas da economia, cultura e informação e, também nos processos sociais, vivenciamos transformações e profundas mudanças nas formas de produzir e de compartilhar conhecimento entre os indivíduos.

Tais modificações, nos modos de produção e de trabalho, afetam a configuração social na qual estruturas de dominação, controle e poder sobre a tecnologia se entrelaçam com os processos de construção de identidade.

A educação é um campo que também apresenta mudanças nessa constituição de identidade, pois novas formas de aprender e ensinar afetam a configuração social da escola.

Com esta visão de nova sociedade, em 2007, surge, no Uruguai, um projeto intitulado *Plan ceibal* com o principal objetivo de proporcionar o acesso igualitário às ferramentas tecnológicas, através da inclusão digital, para todos os alunos e professores da rede pública de ensino daquele país. O projeto distribuiu computadores portáteis para todos os alunos de 1ª à 6ª série do ensino primário do Uruguai. Estes computadores, denominados *XO* - têm origem no programa *OLPC (One Laptop for Children)* de Nicholas Negroponte, professor do *Massachusetts Institute of Technology (MIT)*, que em 2005 lançou este programa internacionalmente por meio de uma organização não governamental, com o objetivo de distribuir computadores portáteis para as populações de comunidades carentes (Negroponte, 2010).

O *Plan ceibal* possui como um dos principais objetivos, a inclusão social e digital dos alunos, buscando com isso, diminuir a *brecha digital*² e oferecer novas ferramentas tecnológicas para serem utilizadas no âmbito escolar. Porém, desde o começo do projeto, percebe-se que a proposta do Ceibal extrapola a sala de aula, promovendo (re)configurações em outros espaços sociais ao permitir que os alunos, enquanto proprietários dos equipamentos, possam utilizá-los em outros espaços, como seus lares, modificando assim, as relações familiares a partir deste movimento.

Sem dúvida, este movimento da escola para o lar deixa claro que as tecnologias não existem dissociadas da sociedade, nem são elementos neutros Castell (2006). Seu uso e desenvolvimento afeta a sociedade de uma forma dialética Warschauer (2006), num complexo relacionamento entre tecnologia e estruturas sociais. Conforme Warschauer (2006): “Nenhuma tecnologia existe fora de uma estrutura social, exercendo um impacto independente sobre ela [...] “O contexto social, o propósito social e a organização social são decisivos nas iniciativas de fornecer acesso significativo à TIC” (275; 272).

Direcionando nosso olhar para o que fazem as pessoas com as tecnologias e, não para as possibilidades do equipamento, desejamos com este recorte de pesquisa “deslocar” o contexto de investigação educativa tradicional (focada no uso pedagógico de equipamentos) e promover um jogo figura-fundo, que nos permita olhar por trás das cenas, isto é para o contexto. Como uma foto borrada, olhamos os contornos, o que não está previsto, o que não foi planejado, o que escapa do foco da lente. Queremos compreender essa relação dialética que se estabelece entre tecnologia e práticas culturais. O presente artigo, portanto, estrutura-se da seguinte forma:

1. O uso do computador e as novas práticas culturais

A interação humana imersa em um processo tecnológico, afeta os processos sociais, na medida em que as pessoas se apropriam da tecnologia para desenvolver suas atividades, e entrelaçam os aparelhos tecnológicos nos processos sociais, manifestando modificações nas práticas culturais. Em outras palavras, práticas culturais são alteradas pela intervenção da tecnologia de forma tal que as pessoas se apropriam do tecnológico para o social e do social para o tecnológico. Em particular, as tecnologias de informação e comunicação (TIC), pelo seu viés de suporte à informação e interação, são especialmente suscetíveis a evidenciar ou, dito de outra forma, preponderantes a manifestar tais transformações. São tecnologias sociais e, portanto, quando tentamos compreender o impacto de novas tecnologias numa determinada atividade humana (no

1 Trata-se da distribuição de um computador portátil para todos os alunos e professores das escolas públicas do Uruguai. Seu nome Ceibal refere-se a conectividade educativa de informática básica on-line.

2 Enquanto "exclusão digital" refere-se apenas a um dos lados da questão, "brecha digital" faz referência à própria diferença entre excluídos e incluídos.O termo brecha digital é adotado por alguns idiomas, porém no Brasil o termo exclusão digital é o mais utilizado.(Castells, 2005)

caso a educação), mais que olhar para as tecnologias precisamos “desfocar” para olhar o pano de fundo da imagem. Ou seja, o contexto sócio-histórico em transformação.

Desta forma, o entorno da utilização das tecnologias faz-se mais importante de ser analisado do que a própria tecnologia, pois é neste contexto que as transformações ocorrem e se estabelecem como novas práticas culturais. Estudos realizados por Webster (1995 *apud* Hine, 2000) apontam que a teoria social pode ser o caminho para enriquecer a reflexão sobre as complexidades presentes nas relações entre tecnologia e sociedade. O autor acredita que se evidencia um forte determinismo tecnológico em estudos de teóricos contemporâneos quando estes assumem que o desenvolvimento tecnológico “suporta”, “facilita” ou “promove” o desenvolvimento social em diversas direções, mas, se equivocam ao afirmar que a tecnologia seja a principal responsável por esse desenvolvimento social. Conforme Hine (2000 p. 13) “*El agente del cambio no es la tecnologia em si misma, sino los usos y la construcción de sentido alrededor de ella*”.

No caso do *Plan ceibal* sua estruturação encontra-se fortemente direcionada nesse determinismo tecnológico, principalmente nos discursos oficiais, carecendo estudos que verifiquem esse entrelaçamento complexo tecnologia-processos sociais. Alguns indícios de mudanças no contexto familiar dos alunos envolvidos foram abordados em pesquisa do Observatics (2010), mas esses são apenas alguns dos nós que compõem esta trama. É evidente que há uma necessidade de ampliação do conceito de inclusão digital e suas implicações em uma sociedade sob este paradigma. De forma que o fenômeno da distribuição de um computador por aluno possa ser analisado sob a ótica da construção de processos de inclusão digital que considerem não somente a utilização da tecnologia, mas a valorização cultural no ciberespaço³ (Hine, 2000).

Portanto, sob esta premissa de inclusão digital, e, debruçados em pesquisas investigativas do uso destes recursos tecnológicos pelos alunos e professores, é que propomos analisar a utilização desses computadores portáteis fora do âmbito escolar. Iniciamos identificando que tipo de utilização os alunos e seus familiares realizariam fora dos muros da escola e, procurando compreender de que forma a implantação de uma política pública cria um fenômeno social que favorece o surgimento de novas práticas culturais.

3. Metodologia

Na presente pesquisa escolhemos o desenho metodológico qualitativo com ênfase no estudo etnográfico do tipo *blended*⁴. O que segundo Kozinets (2000) trata-se de um estudo que acontece quando etnografia e netnografia se utilizam com a finalidade de analisar um fenômeno que envolve grupos no ciberespaço e também nos espaços ditos “*offline*”. Optamos pelo uso da etnografia por buscar desenvolver uma compreensão profunda do social através da participação e da observação direta em espaços sociais, enquanto que a netnografia volta-se para o estudo de espaços de socialização mediados por computador (Montardo e Passerino, 2006). Ambos os métodos combinados procuram um maior grau de proximidade entre o pesquisador e seu objeto de estudo, como uma forma de melhor compreender as interações sociais estabelecidas no ambiente virtual e *offline*.

O contexto inicial de observação desta pesquisa foram as comunidades urbana e rural da cidade de Rivera - Uruguai. Trata-se de uma localidade distante dos grandes centros e com características bem peculiares, com uma economia bastante instável oscilando em função de aspectos externos, como o cambio da moeda, além da influencia

3 Conforme Alava, “[...] o ciberespaço é concebido e estruturado de modo a ser, antes de tudo, um espaço social de comunicação e de trabalho em grupo. (ALAVA, 2002, p.14)

4 O autor Kozinets atribui este nome a combinação da netnografia e etnografia, misturando abordagens face-a-face e de interação *on-line*. (KOZINETS, 2010),

da língua e cultura desta cidade que, pela proximidade com o Brasil, a infere fortemente. Nosso estudo teve início em 2010 na realização dos primeiros contatos com as autoridades locais de educação, bem como com a inserção das pesquisadoras nas comunidades e se estendeu ao longo de 2011, onde efetivamente desenvolveu-se a pesquisa, e neste momento, está em fase final de análises. Os dados coletados a partir de entrevistas e observações foram analisados seguindo os pressupostos teóricos sintetizados nos itens anteriores, e os resultados aqui apresentados são um recorte do processo completo de pesquisa.

As etapas desenvolvidas no estudo foram as elencadas por Kozinets (2010). Primeiramente procuramos identificar possíveis informantes, sujeitos matriculados em escolas da rede pública e com uso do XO fora do contexto da escola. Não foi definido a priori o número de informantes nem o perfil sócio-econômico dos mesmos, mas selecionamos informantes diferenciados para maior riqueza no levantamento de informações. Desta forma, procuramos identificar um grupo de sujeitos com realidades diferentes, buscando caracterizar o uso efetivo do computador por parte destes alunos fora da escola.

A pesquisa etnográfica teve início em janeiro e se estendeu até julho, procurando, assim, durante este período, analisar o uso dos computadores do projeto Ceibal fora da escola, em suas comunidades e nos locais onde possuem acesso a internet. Os instrumentos de coleta foram entrevistas e observações não-participante em situações naturais.

As observações realizadas enfatizam o fato de que as práticas somente podem ser acessadas através da observação e ainda, que as entrevistas tornam-se acessíveis apenas nos relatos das práticas e não nas próprias práticas. Além disso, as observações permitem ao pesquisador descobrir como algo efetivamente ocorre. Já nas entrevistas existe uma mistura de como algo é, e como deveria ser, mas ainda precisa ser detalhado. (Flick, 2004). Ao longo da pesquisa entrevistamos mais de 40 sujeitos que se encontravam fazendo uso do computador fora do espaço escolar, estes foram identificados em situações naturais, não sendo escolhidos a *priori*. Para este artigo utilizamos um recorte dos dados coletados através de registros fotográficos de apenas alguns destes sujeitos, num total de 10 participantes, analisados em diferentes situações de uso do computador, que é nosso foco na pesquisa.

4. Resultados preliminares

As imagens apresentadas neste texto constituem cenas registradas durante o estudo etnográfico realizado na cidade de Rivera, já identificada anteriormente. Retratam o uso do XO, nos lugares públicos, que caracterizamos aqui como sendo: praças públicas, calçadas ou pátios nas residências, proximidades de escolas, calçadas dentre outros.

Foi um registro espontâneo das pesquisadoras, que visava acompanhar o uso destes computadores, nos bairros da cidade de Rivera. Nesse ensaio fotográfico, complementado com informações coletadas em entrevistas espontâneas, chama a atenção principalmente que o maior uso dos XO é realizado pelos alunos de classe social baixa. Tal uso é mais frequente nos bairros mais afastados do centro da cidade.

O uso do XO fora do horário da escola é bastante regular na maioria das vezes com a finalidade de entretenimento (baixar jogos e músicas), e para um uso posterior em seus domicílios. O motivo desta prática cultural, de uso nos espaços públicos (praças, locais perto das escolas), é meramente econômico, e deriva-se do acesso gratuito a internet disponível nesses locais. A prática, portanto, somente acontece com pessoas de menor poder aquisitivo e nas proximidades de pontos de conexão, sendo as escolas do bairro onde vivem o principal local escolhido. O acesso a Internet está

associado à escola do bairro onde, nas proximidades, os alunos conseguem utilizar a rede da escola através da conexão sem fio. Os computadores possuem antenas wireless que permitem a conexão.

Em alguns casos encontramos situações de alunos que conseguem acessar a Internet nas suas próprias residências, já que o sinal da conexão sem fio tem esse alcance. Nesses casos, tais alunos preferem utilizar os XO em suas casas (seja na calçada, seja no pátio interno).

Os alunos ficam utilizando o computador por um longo tempo, muitas vezes até a duração da bateria chegar ao seu limite, e alguns, mesmo depois que termina a bateria, continuam acompanhando aos colegas e amigos que estão com eles naquele momento.



Figura 1 (a) e (b): Nos muros da escola

Conforme mostram as figuras 1 (a) e (b), um dos locais onde os jovens costumam utilizar o XO trata-se de uma calçada que fica na frente da escola, ali os alunos ficam sentados no chão e utilizam o computador, posicionando-o em cima das pernas. Algumas vezes o colocam no chão e, geralmente, estão encostados em uma parede, permitindo assim se posicionar de forma mais confortável para esta utilização. Estes alunos não utilizam ferramentas de comunicação disponíveis na Internet, costumam apenas jogar e baixar os referidos jogos. Os jogos em muitos casos envolvem lutas, futebol, entre outros. Alguns alunos utilizam jogos do próprio software do Ceibal, porém trata-se de uma minoria conforme as observações e entrevistas realizadas. Um dos jogos disponíveis no Ceibal é o jogo chamado “detetive” com fundo pedagógico, que permite aos alunos realizar cálculos matemáticos e revisões gramaticais, com a finalidade de resolver os problemas apresentados para eles.

Evidencia-se ainda, que a maioria dos alunos que fazem uso do computador fora da escola para baixar jogos são do sexo masculino, poucos foram os casos encontrados de meninas, utilizando os espaços públicos para fazer salvamento de jogos, sejam estes educativos ou não.



Figura 2: Caminhando e navegando com Xo

Os alunos adotam várias formas de explorar o computador, uma delas, bastante frequente, é ao sair da escola e nas proximidades continuar andando e ter o computador aberto em suas mãos (Conforme mostra a Figura 2). Esta prática acontece especialmente

na frente das escolas no horário de saída. Os alunos costumam abrir o XO e caminhar, buscando rede ou mesmo já com algum processo de salvamento em andamento.



Figura 3: Mix de mídias



Figura 4: Colaborando

Ao explorar as ferramentas da Internet estes fazem na maioria das vezes de forma individual (como mostram as figuras 1, 2 e 3), mesmo estando reunidos em grupo, cada um faz uso de seu próprio XO. Gostam de ouvir músicas reproduzidas pelo celular ou do próprio computador. Observa-se que alunos maiores e experientes no uso das ferramentas da internet algumas vezes auxiliam os demais colegas, dando dicas para a utilização, conforme mostra a figura 4.



Figura 5 (a): Uso em frente da residência em grupo



Figuras 5 (b): Uso em frente da escola em dupla

A figura 5 (a) mostra novamente os alunos sentados na calçada com o computador nas pernas, sendo que alguns colegas deixam sua máquina para ir realizando o processo de salvamento e depois voltam para levar a máquina quando concluído. Esta prática institui-se principalmente por ser a cidade pequena e pelo fato de que cada computador tem um IP próprio e, no caso de extravio ou furto, o sistema pode ser bloqueado. Desta forma, evitam-se roubos de equipamentos ou tentativas de revenda, por exemplo.

Já na figura 5 (b) observa-se dois alunos que estavam utilizando a internet na frente da escola do bairro. Esta prática é diária e seu uso também é para jogos. Na oportunidade que foram fotografados estavam baixando algumas informações. Enquanto a menina procurava jogos, o menino estava pesquisando novas receitas para seu pai que trabalha como cozinheiro. Esta é uma utilização apontada por alguns dos

alunos, que realizam pesquisas no XO com o objetivo de levar informação para algum membro da família.

Com relação à aprendizagem de novas ferramentas e usos, os alunos mostram uma prática cultural nova, que é a aprendizagem por pares. Eles relatam que aprenderam a utilizar o computador no início, com suas respectivas professoras e, agora, aprendem sozinhos e também através de trocas com colegas. O único ponto de acesso a internet nas proximidades das suas residências é a escola do bairro, onde costumam ficar sentados na calçada usando o sinal da internet da escola.



Figura 6(a): Uso domiciliar no grupo familiar **Figura 6(b): Uso domiciliar no grupo familiar**

O uso domiciliar também ocorre, conforme mostra a Figura 6 (a) e (b), em uma observação, um aluno de classe social baixa relata que na sua residência a internet funciona, consegue captar o sinal da rede, oriundo da escola do bairro, porém na maioria das vezes ele prefere utilizar a internet juntamente com os colegas na rua, nas proximidades da sua residência, e assim conseguem conversar e trocar dicas no momento de baixar alguns jogos.

Na Figura 6 (b), é retratado o uso do XO por uma menina de 14 anos que faz uso da internet na sua própria residência. Existe um local aberto (área nos fundos da casa) onde ela consegue fazer uso diário da internet. A aluna costuma utilizar a internet para realizar trabalhos escolares e para acessar sua rede social para se comunicar com colegas e amigos. No dia de nossa visita, a aluna estava procurando por informações sobre um determinado autor para um trabalho escolar. A mãe da aluna se manifesta positivamente a este uso, a filha agora não precisa mais sair de casa para realizar pesquisas, faz uso ali mesmo. Embora algumas vezes o sinal não esteja muito bom, na maior parte do tempo a aluna consegue fazer um bom uso da internet na sua própria residência. Relata a mãe que este projeto ajudou bastante nos estudos das duas filhas, já que uma menina não recebeu, pois estava já por sair da escola quando o projeto teve início, mas pode agora fazer uso do computador da irmã em suas pesquisas para seu primeiro emprego. A mãe garante que se não fosse desta forma, não conseguiria que as filhas tivessem esta oportunidade de estudar, de aprender mais através das informações pesquisadas na internet.

No grupo familiar, os pais, na maioria dos casos não utilizam o XO, em muitos casos porque não sabem utilizar e outros porque não tem interesse na utilização. Em uma comunidade observada, entrevistamos uma mãe que relata que se interessou pelo uso, comprou um tutorial para auxiliar na exploração do XO, porém seu filho não tem paciência e não permite o uso, e assim ela deixou de tentar utilizar o computador.



Figura 7 (a) e (b): uso rápido em frente a escola do bairro

Dentre as formas de uso dos computadores o uso rápido na frente da escola é bastante comum. Na Figura 7 (a) encontra-se um aluno que se deslocou até a escola do bairro e acomodou seu XO no muro da escola para fazer uso da internet. O aluno estava buscando utilizar a internet para fazer uma pesquisa para um trabalho escolar. Este aluno costuma fazer o acesso a internet na frente da escola do seu bairro. Como ele vai até a escola de bicicleta, fica sentado na bicicleta e deixa o computador no muro da escola, utilizando assim o seu XO. Na outra Figura 7 (b) retrata-se um aluno que não consegue ter acesso a internet nas proximidades da sua casa, então costuma ir até a escola para utilizar o XO. O aluno frequenta uma escola em outra localidade, já está no ensino médio, porém como ele reside nas proximidades, faz uso da internet da escola do bairro. Geralmente utiliza quando precisa fazer alguma pesquisa. Este aluno não gosta de jogar, não possui email e não costuma utilizar o computador para se comunicar.



Figura 8: Uso com grupo familiar fora da residência

O uso dos computadores estende-se em alguns casos para outros membros da família, na situação retratada na Figura 8 a aluna estava acompanhada de sua mãe fazendo uso da internet em uma praça pública que fica no centro da cidade de Rivera. As duas estavam sentadas no banco da praça e a menina estava utilizando a página de uma rede social para responder alguns recados. A sua mãe costuma utilizar para se comunicar com parentes que vivem distante, ela é surda e acredita ser uma ótima oportunidade de comunicação via computador (Figura 8). A aluna costuma emprestar e auxiliar o uso do computador por parte de sua mãe, incentivando-a a utilizar o XO. O acesso a internet muitas vezes ocorre na escola, onde a menina tem acesso a conexão da internet, porém em algumas vezes ela costuma utilizar outros locais onde consegue se conectar, como o caso da praça pública. A aluna tem hábito de utilizar o facebook, além do correio eletrônico para se comunicar. Relata que não costuma jogar, sua preferência de uso é para se comunicar através da máquina. A aluna afirma que costuma ficar bastante tempo utilizando o computador, que gosta muito porém, na escola, poucas vezes é solicitado seu uso.

5. Considerações Finais

Atualmente estamos participando de uma forma diferente de sociedade, nossas práticas culturais e identidade se alteram a partir de novas situações vivenciadas em interação com um meio cultural diversificado, com exigências de competências e

habilidades para agir no grupo social novas ou revisitadas . Através da análise do fenômeno desencadeado pelo projeto de inclusão digital adotado pelo Uruguai, podemos perceber mudanças, em alguns casos sutis, nos modos de agir, nos espaços públicos e privados. A importância de analisar a implantação de uma política pública educacional através de um olhar que “atravessa” os muros da escola se embasa, não no determinismo tecnológicos, mas numa visão dialética da relação homem-tecnologia-processos sociais. Esta análise exigiu uma proposta metodológica diferenciada que permite reconstruir caminhos, percorrer galhos e recolher frutos, através de registros fotográficos espontâneos, em cenas de práticas culturais apropriadas num grupo social.

Neste processo cartográfico “mapear” a situação que a originou, e que permanece se modificando a cada instante enquanto a mapeamos, sendo nós também pontos de mudanças promovidas pelo nosso olhar, utilizamos a imagem como ponto de partida de discussão e reflexão sem, contudo, permanecer com a imagem “estática” que congela o tempo/espaço. O processo etnográfico iniciado “ouve” e “vê” os atores, mas também os “questiona” e “provoca” em entrevistas episódicas que surgem nessa interação do pesquisador com o fenômeno observado e vivenciado, pois os tempos e espaços (públicos/privados) configuram-se de forma diferente e trazem novos questionamentos que alimentam nossa pesquisa.

As TIC como tecnologias sociais são elementos/atores que contribuem para mudanças em práticas culturais entrelaçando-se com as mesmas. Tais tecnologias possibilitam novas formas de interação nos processos sociais e promovem reconstrução de identidades/subjetividades pelos atores sociais. A construção de espaços de interação e a contribuição mútua se estruturam nas possibilidades de comunicação e trocas entre os indivíduos.

Neste artigo procuramos analisar essas mudanças, olhando mais do que é feito com a tecnologia, mas onde e quando é feito. Num processo de “desfocar” a lente para o contexto social onde as práticas culturais se evidenciam, nosso olhar centrou-se na utilização destas máquinas fora do espaço escolar, como ponto de partida para uma análise mais ampla das novas atitudes dos alunos frente ao uso das tecnologias no seu cotidiano.

Tal análise nos mostrou que, apesar do potencial de autoria presente nas tecnologias, os alunos, na maioria das vezes, continuam utilizando de forma passiva/consumista, numa prática cultural atrelada ao uso de meios de comunicação massivos como a televisão e o rádio. A exploração das XO feita pelos alunos não tem o intuito de criação mas de consumo de produtos criados por outras pessoas Buckingham (2008) aponta para o fato que estes meios digitais podem converter-se em oportunidades para que os alunos se tornem produtores criativos de conteúdos, mas alerta para essa postura consumista favorecida pela ideologia capitalista vigente em nossa sociedade.

Observa-se, ainda, em alguns alunos, uma postura de desmotivação no uso prolongado dos computadores e também a sua utilização para outros fins. Evidencia-se um uso direcionado e atrelado aos incentivos oriundos do grupo no qual está inserido aquele aluno, a comunidade, moldando o seu uso e aplicabilidade destas máquinas pelos alunos. Embora no início desta utilização tenha sido diferente, pois o seu uso e motivação em aprender estavam ligados a influencia do professor, o uso na escola e os ensinamentos o orientavam o uso por parte dos alunos, assim que passaram a ter em suas mãos todos estes recursos tecnológicos houve uma mudança.. Portanto é preciso observar este fator e encontrar formas de re-encantar estes alunos, pois, conforme Beastall (2006 *apud* Buckingham (2008) a tecnologia constitui-se com um poder de encantar a criança desencantada.

Ainda com relação ao uso fora da escola, percebemos que o grupo familiar ainda está afastado do processo tecnológico e das inúmeras possibilidades de aplicação que

possa resultar o uso efetivo do computador em suas residências. A maioria dos pais entrevistados não faz o uso do XO por vários motivos, sendo o motivo mais frequentemente apontado, a falta de instrução para esta utilização além de um conceito muito forte de que a máquina é de propriedade e de uso exclusivo do aluno. Estes por sua vez, pouco incentivam os pais a aprender a utilizar a máquina. Desta forma, os processos sociais estão atrelados a práticas culturais que atendem diferenças geracionais e, desta forma, só poderíamos falar em inclusão social via inclusão digital quando “barreiras geracionais e atitudinais” sejam derrubadas por práticas culturais apropriadas por diferentes grupos sociais.

Nos dados coletados encontramos indícios de uso do XO em residências dos alunos que conseguem ter o sinal da internet oriundo da escola do bairro. Estes costumam utilizar, mas garantem que seus pais não aproveitam a oportunidade para também explorar esta ferramenta. O que é justificado conforme Buckingham (2008, p.40) quando ele se refere que o lar dos alunos está sendo definido cada vez como um importante meio de aprendizagem, o autor acredita que “ *La educacion no puede cesar uma vez que los ninos salen del aula com la conectividade a internet y las tecnologias móviles a aprendizaje va hacia el aluno*”. Faz-se necessário então, ampliar as zonas de aprendizagem para além dos muros da escola, pois compartilhamos com Warschauer (2006) que afirmam não existir uma tecnologia “externa” introduzida para dentro visando provocar consequências numa sociedade ou nos seus sujeitos, e sim ao contrário, “a tecnologia encontra-se entrelaçada de maneira complexa nos sistemas e processos sociais” (p. 23).

Assim a inclusão de computadores e possibilidades de acesso a internet na comunidade estudada modificou não apenas os tipos de uso das tecnologias, mas vem transformando também os seus consumos, além das práticas culturais que se moldam a partir deste uso. Desta forma, as práticas surgem e se estabelecem nesse conjunto de transformações, devido ao significado cultural agregado ao uso pelos comportamentos sociais que possam estar promovendo.

Referências

- Buckingham, David.(2008) ”Mas allá de la tecnologia: aprendizaje infantil em la era de la cultura digital”, 1a.ed.Buenos Aires: Manantial.
- Castells, M. (2006) “ A sociedade em Rede.” 9.ed.São Paulo: Paz e Terra.
- Flick, Uwe. (2004) “Uma introdução à pesquisa qualitativa”; trad.Sandra Netz, 2 ed. Porto Alegre: Bookman.
- Hine, Christine. (2000) “Etnografia Virtual.Coleção Nuevas Tecnologias y Sociedad”, Editorial UOC.
- Kozinets, R.V. (2010) ” Netnography.Doing Ethnographic Research Online.2010.”
- Negroponte, Nicholas. “One Laptop per Child.”
- Observatics, 2010: Observatorio de Tecnologías de Información y Comunicación. Acesso em: <http://www.observatic.edu.uy/inicio>.
- Warschauer, Mark.(2006) Tecnologia e Inclusão Social. A exclusão digital em debate.São Paulo: Senac.